



Oração natural

Fique atento
ao ritmo,
aos movimentos
do peixe no anzol.
Fique atento
às falas
das pessoas
que só dizem
o necessário.
Fique atento
aos sulcos
de sal
de sua face.
Fique atento
aos frutos tardios
que pendem
da memória.
Fique atento
às raízes
que se trançam
em seu coração.
A atenção:
forma natural
de oração.

Mundo mudo

salta, mundo,
desse caroço
de pedra
em que estás aprisionado

toda rua termina
em muro
toda palavra representa
uma falha

salta, mundo,
desse caroço
de pedra
vence
as camadas de aluvião
para que aflore
um grão
um broto
um grito
para quem está exausto
de auscultar teu corpo
ferido

Vida minúscula

para quem nasceu destinado
à terra
à enxada
às tarefas
às lidas com o gado

a descoberta da língua,
para além do uso ordinário,
e dos livros

traz um veneno
que o aparta dos seus

extravia-se
vive-se à margem
deseja sem saber o quê

tateia em um mundo
que sempre lhe será estranho

Cantiga

de muito amar o que nom hai sabido
o obscuro o inominado o desvanecido
hei amado com amor desmesurado
amei sem a palavra amor a boca haver dito
toda água salobra do poço hei bebido
pero moiro com olho de nuvem enternecido

se me tangem feito boi me desgarró esguarito
que minha carne não havera de ser ferida
por zagaia de sandeu sem que eu escoliceie
mas se me tratam com modos de muito afeto
ou se minhas crias hai com gosto lambido
pero moiro com olho de nuvem enternecido

se nom me ajoelho diante de vus senhora
mentre a mi me pareceis em bel guarvaia
nom zangueis que igual a vus nom sei parrelha
de vista baixa vus imagem mirei de esguelha
desde entonce migo em coraçon hai guardado
pero moiro com olho de nuvem enternecido

Inventipalavração

Para Paulo Terra e Anna Livia

Que bioteza!
Que tristeza!
Que portureza!
Que esbelura!
O que diria
a mômica Alice
diante dessa
loucurice!
Inseio-o.
Sua pele era
esverdolenga.
A criassoa era meio
causamedifera.
Mesmo enlopeta,
naquele momento,
não o achei asquerento.
Há café?
Askentei.
Nada answerizou.
Há café granizado?
Permaneceu calado.
Quedei-me absurdada.
Chega de conversa.
Você me bouleversa.
Mais tarde,
encasimificada,
comigomesmada,
em processo
de euzificação,
toca a campainha.
Ao portearbrir,
depavi-me
com uma cartinhazinha.
Desenvolopizei-a
e startei a gargarrir.
Assim assinada vinha:
coracionalmente,
seu ET de Varginha.

Cantiga

de muito amar o que nom hai sabido
o obscuro o inominado o desvanecido
hei amado com amor desmesurado
amei sem a palavra amor a boca haver dito
toda água salobra do poço hei bebido
pero moiro com olho de nuvem enternecido

se me tangem feito boi me desgarró esguarito
que minha carne não havera de ser ferida
por zagaia de sandeu sem que eu escoliceie
mas se me tratam com modos de muito afeto
ou se minhas crias hai com gosto lambido
pero moiro com olho de nuvem enternecido

se nom me ajoelho diante de vus senhora
mentre a mi me pareceis em bel guarvaia
nom zangueis que igual a vus nom sei parrelha
de vista baixa vus imagem mirei de esguelha
desde entonce migo em coraçon hai guardado
pero moiro com olho de nuvem enternecido

Cantiga

de muito amar o que nom hai sabido
o obscuro o inominado o desvanecido
hei amado com amor desmesurado
amei sem a palavra amor a boca haver dito
toda água salobra do poço hei bebido
pero moiro com olho de nuvem enternecido

se me tangem feito boi me desgarró esguarito
que minha carne não havera de ser ferida
por zagaia de sandeu sem que eu escoliceie
mas se me tratam com modos de muito afeto
ou se minhas crias hai com gosto lambido
pero moiro com olho de nuvem enternecido

se nom me ajoelho diante de vus senhora
mentre a mi me pareceis em bel guarvaia
nom zangueis que igual a vus nom sei parrelha
de vista baixa vus imagem mirei de esguelha
desde entonce migo em coraçon hai guardado
pero moiro com olho de nuvem enternecido

Inventipalavração

Para Paulo Terra e Anna Livia

Que felicidade!
Que tristidade!
Que gordureza!
Que esbeltura!
O que diria
a mômica Alice
diante dessa
loucurice!
Inseio-o.
Sua pele era
esverdolenga.
A criassoa era meio
causamedifera.
Mesmo estupefata,
naquele momento,
não o achei asquerento.
Há café?
Askentei.
Nada answerizou.
Há café granizado?
Permaneceu calado.
Quedei-me absurdada.
Chega de conversa.
Você me bouleversa.
Mais tarde,
encasimificada,
comigomesmada,
em processo
de euzificação,
toca a campainha.
Ao portearbrir,
depavi-me
com uma cartinhazinha.
Desenvolopizei-a
e startei a gargarrir.
Assim assinada vinha:
coracionalmente,
seu ET de Varginha.

Cantiga

de muito amar o que nom hai sabido
o obscuro o nominado o desvanecido
hei amado com amor desmesurado
amei sem a palavra amor a boca haver dito
toda água salobra do poço hei bebido
pero moiro com olho de nuvem enternecido

se me tangem feito boi me desgarró esguarito
que minha carne não havera de ser ferida
por zagaia de sandeu sem que eu escolheie
mas se me tratam com modos de muito afeto
ou se minhas crias hai com gosto lambido
pero moiro com olho de nuvem enternecido

se nom me ajoelho diante de vus senhora
mentre a mi me pareceis em bel guarvaia
nom zangueis que igual a vus nom sei parrelha
de vista baixa vus imagem mirei de esguelha
desde entonce migo em coraçõ hai guardado
pero moiro com olho de nuvem enternecido

Inventipalavração

Para Paulo Terra e Anna Livia.

Que felicidade!
Que tristeza!
Que dureza!
Que gordura!
Que esbelteza!
O que diria
a mômica Alice
diante dessa
loucurice!
Inseio-o.
Sua pele era
esverdolenga.
A crissosa era meio
causamedífera.
Mesmo estupefata,
naquele momento,
não o achei asqueroso.
Hi café!
Askentei.
Nada answerizou.
Hi café granizado?
Permaneceu calado.
Quedei-me abturdado.
Chega de conversa.
Você me bouleversa.
Mais tarde,
encasimificada,
comigomesmada,
em processo
de euzificação,
toca a campainha.
Ao portearbrir,
depari-me
com uma cartinhazinha.
Desenvolopizei-a
e startei a gargarir.
Assim assinada vinha:
coracionalmente,
seu ET de Varginha.

Os homens e as coisas

sem os objetos
o corpo não tem gravidade
diapasão
prumo

o corpo precisa de contrapesos:
a mesa
a porta
a cama

cavidades onde lança seus parafusos
sem os objetos
o corpo se perde nos buracos
sugados pela mente
dispersa-se em círculos centrífugos
o corpo necessita dos objetos
para que estes confirmem
sua existência em fuga

Atravessar as coisas

Atravessar as coisas
para melhor absorver-lhes
a duração e o gosto.
Aprender a paciência
de um artesanato.
Sair do outro lado
com outra densidade:
o corpo mais sólido
diante da correnteza
desses dias.

Uso

O uso dá caráter às coisas
como se o tempo maturasse
em suas moléculas
uma severa arquitetura

A virtude do menos
enobrece a casa
com a sua recusa
de adornos sem serventia.

O que o homem gasta
em suas mãos
adquire a aura
de suas dores.

Lições da noite

Antes de sair de casa,
mesmo com o sol ainda alto,
convém preparar

a lamparina.
Enchê-la de querosene,
subir-lhe um tanto o pavio
e deixá-la bem perto da porta.

Antes de se ir para a cama,
todo cuidado é pouco:
há que apagar

a lamparina.
Sua fumaça desenha abstrações
que marcam o cal da parede
e tingem de negro nossas narinas.

Lâmpada

para André Luiz Pinto

Quando a luz é precária
e as sombras têm poderes,
tateia-se pela casa a buscar
a lamparina.

A brevidade de sua chama
e a baixa luz que nos ilumina
lembram-nos de que a noite é nossa sina.

De tanto ser vista,
gasta-se a beleza
das coisas que em si
guardam a perfeição.

Quando a retina
esquece o vício,
sai da embalagem
a escultura lisa.

Bulbo leitoso,
em vidro soprado,
com frágeis hastes
em fluorescência.

Leve máquina
que concentra
a capacidade
de engolir sombras

O repouso

Brancos tanques de azulejo.
Brancas massas de polvilho
na solidez do seu repouso.
Abstrações leitosas e vitreas.
Geometria que fere os olhos.
Azedo que impregna as narinas.

A secagem

Jirais feitos de bambu
forrados com algodão riscado.
Altars. Aras. Oferendas.
Blocos de polvilho
desmancham-se
sob o fastígio do sol.

Fábrica de Polvilho

A lavagem

Nos jacás ficaram
os torrões de terra.
No descascador de madeira
troteiam, saltam e chocam-se
as mandiocas recém-arrancadas
cujas cascas vermelhas
são maceradas
pela contínua batida das águas,
pela velocidade do giro
e do atrito com a madeira.
No final, nuas e brancas
estão prontas para serem trituradas.

A roda

Espremida contra a parede,
no beco aonde a luz do sol nunca chega
e o limo arquiteta mapas
de viscosa umidade,
a roda gira seu madeirame,
que anos de embate com as águas
tornaram escuro e encharcado.
A água já lhe penetrou nas cavidades,
nos encaixes e desliza rápida
enchendo-lhes os cochos.
A roda bebe a força das águas,
recebe suas guascadas
e bêbeda rodopia como um dervixe
que retira do movimento cego
sua forma de êxtase.

Fábrica

A roda

Espreme no beco e o limo de viscosidade a roda que antes tornara. A água nos enche. A roda recebe e bebe que recria sua forma.

O repouso

Branco tanque de azulejo. Branco massa de polvilho na solidéz do seu repouso. Abstrações leitosas e vitreas. Geometria que fere os olhos. Azedo que impregna as narinas.

A secagem

Jirais feitos de bambu forrados com algodão riscado. Altares. Aras. Oferendas. Blocos de polvilho desmancham-se sob o fastígio do sol.

Fábrica de Polvilho

A roda

Espreme contra a parede, no beco aonde a luz do sol nunca chega e o limo arquiteta mapas de viscosa umidade, a roda gira seu madeirame, que anos de embate com as águas tornaram escuro e encharcado. A água já lhe penetrou nas cavidades, nos encaixes e desliza rápida enchendo-lhes os cochós. A roda bebe a força das águas, recebe suas guascadas e bêbeda rodopia como um dervixe que retira do movimento cego sua forma de êxtase.

A lavagem

Nos jacis ficaram os torrões de terra. No descaicador de madeira troteam, saltam e chocam-se as mandiocas recém-arrancadas cujas cascas vermelhas são maceradas pela contínua batida das águas, pela velocidade do giro e do atrito com a madeira. No final, nuas e brancas estão prontas para serem trituradas.

O repouso

Branco tanque de azulejo. Branco massa de polvilho na solidéz do seu repouso. Abstrações leitosas e vitreas. Geometria que fere os olhos. Azedo que impregna as narinas.

A secagem

Jirais feitos de bambu forrados com algodão riscado. Altares. Aras. Oferendas. Blocos de polvilho desmancham-se sob o fastígio do sol.

Mão de pilão

entre o ar
e a dureza
do cedro
no ir
e vir
metódico
matemático
martelado,
anos e anos
em deslize
pelos dedos
dão à mão
de pilão
uma pele lisa
madura
lustrosa

instrumento
que estarela
o grão
e caleja
a palma

Rumor

os objetos
iscas
visgos
pretextos
anteparos
alvéolos
poros
que reverberam
suas auras
captam o murmúrio
os véus
do invisível
em seu vôo breve

Mística do trabalho

O homem põe seu corpo
no artefato que fabrica.
Veias, suor e respiração
a serviço da monotonia.
O homem gasta seu tempo
e o coloca dentro dos objetos.
Preso no círculo da repetição
morre um pouco
ao fim de cada dia.

IV

A parede Quita,
avulhada,
marca o carvão
umas cruzinhas
na parede da cozinha
para contar as bandejas
de pastel de farinha de milho
que saem mãos modelam.
A sequência de cruzes
conta a fêra do dia,
o aperto da freguesia,
os limites do seu território.

ência
ca-o
-lhe o peito,
ucado
a cicatrizou,
ele houvera
um rolo
e farpado.

Cartografias

I

Que raio
de corisco
preto

é este
que vara
o branco
e deixa um rastro
de vento
da trincha
em movimento?

II

A lapada
de rabo de vaca
espanta a mosca
e imprime um risco
escuro
no lombo
do retineiro.

III

O r e v r
do arro de boi
no brejo da estrada
cica uma trama,
um leve de sulcos,
ruça emaranhado
da carreira da boiada.

IV

A pasteleira Quita,
analfabeta,
marca a carvão
umas cruzinhas
na parede da cozinha
para contar as bandejas
de pastel de farinha de milho
que suas mãos modelam.
A sequência de cruzeiros
conta a féria do dia,
o apetite da freguesia,
os limites do seu território.

V

A pilha de toras
de madeira
escuras no terreno.
Em cada tora,
os anéis revelam
o tempo
acumulado
até o instante
de uma a uma
tombar
sob o gume
do machado.

VI

Uma ausência
atormenta-o
e encapa-lhe o peito,
um machucado
que nunca cicatrizou,
como se ele houvesse
engolido um rolo
de sarnes farpadas.

dias provisórios

dias provisórios

O rio intocável

Para Paulo Octaviano Terra

Na cidade dos sonhos
corre o rio que o sonho cria.
Rio irreal, no entanto, igual
a um rio que já conhecia.
Escrevo meu nome na água
tal qual aquela, mas não a mesma,
onde a criança escrevia.
E seca a boca a sede
que a mão não toca
o que de fato importa,
a pureza da água, o peixe,
a paisagem que já não existia.

O rio intocável

Para Paulo Octaviano Terra

Na cidade dos sonhos
corre o rio que o sonho cria.
Rio irreal, no entanto, igual
a um rio que já conhecia.
Escrevo meu nome na água
tal qual aquela, mas não a mesma,
onde a criança escrevia.
E seca a boca a sede
que a mão não toca
o que de fato importa,
a pureza da água, o peixe,
a paisagem que já não existia.

Estudos para Paulo Pasta

É tela a vida?
Nós a pintamos!
Emílio Mauro

Território

Só tem olhos
para um território
que já não existe mais.
Paisagem velada
que persiste na retina.
Que elege uma forma,
esfuma outras
em arcos e colunas.
Paisagem saturada
que lenta se transmuda
em outra no limite
da exasperação.
Paisagem irreal,
onde se respira
um ar rarefeito:
o mundo suspenso
por um fio
no limiar da dissolução.

Miolo

Lembro-te mata,
tenda de folhas,
ninhal de minas,
casulo de sombras,
alcova de brotos,
rende de luzes,
vertigem de avencas,
friagem de sapos,
labirinto de cipós,
manto de limos,
frescor de cambraias,
grafias de cascas,
acridez de sumos,
açúcar de flores.
Recorro a todos os nomes
sem nunca recuperar
o frêmito de espanto,
o susto da criança
inaugurando a mata.

Borda da Mata

As origens

Que pássaro secreto se oculta
nos ninhos de suas árvores?
Que urdidura de cipós, ramas,
cascas, musgos e parasitas
vela suas intimidades?
Que alquimia entre os brotos
e as folhas apodrecidas
resulta nesse perfume
que impregna o vento?
Na borda da mata,
o viajante estende o corpo
e repousa em sua cama de sombras.
Cavalos e mulas pastam,
o tropeiro sonha
mascando galho de capim
no canto da boca.

Geografia esquecida

Nomear suas grotas e vales
é reconstruir uma paisagem
semeada de frutos, gentes e bichos.
Bogari. Brumado. Serrinha. Descalvado.
Cafua. Jacu. Cervo. Córrego da Onça.
Barro Amarelo. Pedra do Urubu. Espraiado.
Mogi. Ponte de Pedra. Limoeiro. Pontilhão.
Paredes. Segredo. Contendas. Palmas.
Sertão da Bernardina. Os Galdinos. Os Miras.
Os dias devoraram a polpa dos nomes
e restaram essas palavras sem rastro.

A vida real

Cidade sem aura. Sem sombras.
Dizem que um padre rogou-lhe uma praça.
Árvores de altas copas foram arrancadas
e, do cimento, brotou uma fonte luminosa.
As árvores não prosperam,
mutiladas por podas até o toco.
Folhas e flores enervam donas-de-casa
maniacas por calçadas limpas.
Chique é ter o quintal cimentado
e os cômodos revestidos de carpete.
O padre conta as suas reses.
O prefeito conta as suas reses.
Pardais cagam nos bancos da praça.
Reconhecem aqui o reino da politicagem.
No carnaval, pretos, bichas e pobres
descem do Buracão ou sobem da Santa Cruz
e podem dançar nas ruas,
acompanhando os filhos de boas famílias.
Mas não passam da porta do clube.

O futuro

O veio nobre
perdeu-se
ocultou-se
sob suas montanhas.

sem ascensão,
sem queda,
vive a cidade,
inerte,
em lento bocejo.

Esquecidas
as sutilezas
dos doces
trabalhosos
a poesia
do nome,
suas parabólicas
captam
dejetos de imagens.

Borda da Mata

As origens

Que pássaro secreto se oculta
nos ninhos de suas árvores?
Que urdidura de cipós, ramas,
cascas, musgos e parasitas
vela suas intimidades?
Que alquimia entre os brotos
e as folhas apodrecidas
resulta nesse perfume
que impregna o vento?
Na borda da mata,
o viajante estende o corpo
e repousa em sua cama de sombras.
Cavalos e mulas pastam,
o tropeiro sonha
mascando galho de capim
no canto da boca.

Geografia esquecida

Nomear ruas, praças e rios
é reconstruir uma paisagem
semeada de frutos, gestos e bichos.
Bogori, Bramado, Serrinha, Descalvado,
Cafés, Joca, Corvo, Corrego da Onça,
Barro Amarelo, Pedro do Urubu, Espiradito,
Mogi, Ponto de Pedra, Limoeiro, Pontalão,
Paradas, Segredo, Correndo, Palmas,
Sertão da Bernardina, Os Galdinos, Os Miras.
Os dias decoram e põem os nomes
e restaram essas palavras sem rosto.

A vida real

Cidade sem aura. Sem sombras.
Dizem que um padre rogou-lhe uma praça.
Árvores de altas copas foram arrancadas
e, do cimento, brotou uma fonte luminosa.
As árvores não prosperam,
mutiladas por podas até o toco.
Folhas e flores enervam donas-de-casa
maníacas por calçadas limpas.
Chique é ter o quintal cimentado
e os cômodos revestidos de carpete.
O padre conta as suas reses.
O prefeito conta as suas reses.
Pardais cagam nos bancos da praça.
Reconhecem aqui o reino da politicagem.
No carnaval, pretos, bichas e pobres
descem do Buracão ou sobem da Santa Cruz
e podem dançar nas ruas,
acompanhando os filhos de boas famílias.
Mas não passam da porta do clube.

O futuro

O veio nobre
perdeu-se
ocultou-se
sob suas montanhas.

sem ascensão,
sem queda,
vive a cidade,
inerte,
em lento
bocejo.

Esquecidas
as sutilezas
dos doces
trabalhosos
a poesia
do nome,
suas parábolas
captam
dejetos de imagens.

Suspiro

Borda da Mata,
ata-me.
Borda da Mata,
mata-me.

Escoiceados

Meu pai e eu
nunca subimos
num alazão
que galopasse
ao vento.
Tínhamos
um burro
cinza-malhado:
o Ligeiro.
Foi apanhado
de um conhecido
por ninharia.
Chegou com fama
de sistemático,
cheio de refugos.
De trote tão curto
que dava dor
nas costelas.
De certa vez,
calmos do burro.
Meu pai e eu.
Eu e meu pai.
Embolados.
Joelhos esfolados
no pedregulho.
Levamos
bons coices.
Meu pai e eu.
Os dois
nunca subimos
na vida.

o rio que o sonho cria

Cidade

ô blues de cruciais impossibilidades
dores de amores inexistentes
rosas amarelas mortas no apartamento
beijos e saliva nas tardes desérticas

ô visão depressiva do asfalto molhado
prédios encardidos & a horda dos bárbaros
arquitetura de guerra de dias provisórios
espelho poluído da cidade da chuva

ô mundo artificial com sua natureza de néon
espetáculo de vitrines e exibições
nada de eterno no seu coração
tudo já nasce velho para ser: refeito amanhã

À margem

o rio morto
o rio fétido
o rio podre
o rio lodo
o rio negro
espelho que reflete
prédios e carros
trilhos e latas
o rio e a memória das águas

à margem
heráldica
estática
uma garça
ergue
para o céu
a hipérbole
do seu alvo
pescoço

Domingo paulistano

Uma pombinha encardida pousa na calçada.
O casal de namorados deixa a lanchonete.
Cheiro de hambúrguer no ar.
Daqui a pouco estarão acesas as luzes da cidade.
Imenso cartão postal da nossa solidão.

Um outro homem inacabado

Nesta cidade impermanente,
um homem jamais está inteiro.
Parte perdeu-se em alguma rodovia.
Outra sonha com montanhas,
água de bica, cachoeiras, maresia.

Esta cidade de São Paulo
nunca está arrematada,
corpo sempre em retalhos.
Mutantes arquiteturas
que não penetram nas veias.

Nesta cidade de São Paulo,
um homem constrói sua casa
como uma flor amarela
que teima em brotar
em zona de perigo.

Efêmera, como outras,
destinada à demolição.
Casca fina e provisória,
fraca diante das ventanias,
das máquinas e da solidão.

Nesta cidade dividida,
cada homem é estilhaço,
entulho jogado na caçamba
porque há outro na fila
para ocupar o seu espaço.

Exílio

Na beira da porta de aço,
ela tricota: faz bicos vermelhos
em alvos panos de algodão.
Não sou daqui, não.
Sou de Aracaju, Sergipe.
Vim em busca da minha irmã.
Mudou para o Mato Grosso.
Meu cunhado mora em Marília.
Não sou daqui, não.
Sou de Aracaju, Sergipe.
Tenho dinheiro pra passagem não.
Não sou daqui, não.
Sou de Aracaju, Sergipe.



Nem o corpo

No seu bangalô,
sob o viaduto,
uma estrela
nunca salpicou o chão.
As balas dos revólveres
furaram o zinco.
Só restaram o abandono,
em sua nudez,
e umas roupas
penduradas no varal.
Ali permanecem,
tesas e encardidas,
em meio à fumaça
dos escapamentos.

Não, ninguém as reivindicou
como herança.

Nem o corpo

No seu bangalô,
sob o viaduto,
uma estrela
nunca salpicou o chão.
As balas dos revólveres
furaram o zinco.
Só restaram o abandono,
em sua nudez,
e umas roupas
penduradas no varal.
Ali permanecem,
tesas e encardidas,
em meio à fumaça
dos escapamentos.

Não, ninguém as reivindicou
como herança.

Esquiyo,

na beira
do mato
na borda
do mundo
fora
de eixo
fora
de foco
fora
de ordem
fora
de forma
buscam-te
na província
no subúrbio
na periferia
onde tua sombra

esquiva nunca é
encontrada

não há terras
não há gados
não há currais

vives em trânsito
tens tua guerra íntima
teu vulcão de afeto
tua desavença
com o mundo

do horizonte
nenhum indício de
paz

Esquiva

na beira
do mato
na borda
do mundo
fora
de eixo
fora
de foco
fora
de ordem
fora
de forma
buscam-te
na província
no subúrbio
na periferia
onde tua sombra

esquiva nunca é

encontrada

não há terras
não há gados
não há currais

vives em trânsito
tens tua guerra íntima
teu vulcão de afeto
tua desavença
com o mundo

do horizonte
nenhum indicio de
paz

Volta pra casa

seis da tarde, ulisses junta seus badulaques,
suas retinas colecionam despojos, sorvem dejetos,
engole prédios, ferocidade dos pombais, cadela com
costas salientes, que derruba lixo das padarias,
picnic de mendigo entre sacos pretos de lixo,
música de rádio, cerveja sobre balcões de formica,
pano verde de mesa de bilhar, cusparadas de cachaça,
chuvinha fina, ovo podre do rio,
músculos em outdoors de academias,
ardem-lhe os pés, fogueira no estômago,
reconta as humilhações do dia, olha com os olhos
e lambe com a testa as luzes dos shoppings,
arquitetura de desejos nunca realizados,
(ele falou que antes de derrubarem o barraco,
vai levar todas as telhas brancas),
mixing de suor e desodorante barato,
lona de dióxido de carbono cobrindo a cidade,
ulisses cochila, entre sacolejos,
muito além das retinas intoxicadas,
sonha com a itaca sempre verde
de que lhe falou o cego,
estará ela esperando por ele na linha final!

saem das esquinas, nos semáforos
usam tênis e moletons com capuzes
encostam cacos de vidro nos pescoços
sob olhares de medo e votos de morte

saem dos portões com grades
vestem camisetas presenteadas
trocam os passes por chocolates
entre o aperto de sovacos e coxas

saem de lojas de mármore e vidro
carregam sacolas com logotipos
escondem-se atrás de óculos escuros
para que a feiúra não lhes fira as retinas

para onde voltam? que dor nos arrasta?
que mó de pedra trazem no coração?
por que evitam olhar para os que passam?
onde um sopro, um vento, uma asa?

Auto-retrato como boi

Eu boi.
Boi de mim mesmo.
Boi sonso.
Boi de canga.
Boi de carro.
Boi de ônibus.
Boi de arado.
Boi sangrado por ferrão.
Boi de carreto.
Boi em prédio de vidro.
Boi com crachá
e carteira assinada.
Boi comprovado.
Boi indistinto
na bolada da cidade.
Boi tangido.
Boi bernento.
Boi de joelhos
sem um mugido
na escuridão.
No curral da insônia,
rumino palavras pastadas
na ribanceira dos dias.

Ruminações

A maneira de Enrique Lihn

Nunca sai dessa roceira Minas
que nos dá aflição e dor como herança.
Lamaçal de bosta de vaca
no curral bem em frente da casa.
Cheiro de leite azedo nos latões
e de óleo queimado para expulsar bernes.
Jardins de dália e corações magoados,
chás de consolda e escaldados de quíquera
A avó socando o arroz no pilão,
preparando decoada para o sabão
ou com rodilhas para o feixe de lenha.
Compras sem um item supérfluo
anotadas nas cadernetas de armazém.
Terras tomadas por sapê e sorocaba
e vendas para pagar promissórias.
Vidas acanhadas atrás de janelas
na cidade que não define nem prospera.
Rancores cultivados durante anos,
as mesquinhas de parentes.
Amor ressabiado, apenas sugerido,
abraços sem calor, corpos com arestas.
Podem dar-me asas, cheques de viagem,
mandar-me para velejar em Bizâncio.
Recolho, rumino e regurgito
a aspereza daqueles dias.
Rejeito sua rica hospedagem.
Sou um estranho em suas festas.
Nunca sai desse círculo de ferro.
Nunca sai dessa Minas que não termina.

Capaz de passar adiante
e manter vivo todo esse
conhecimento, o Poeta
tinha um papel central nas
sociedades antigas.

Num período
relativamente recente,
porém, com os avanços da
Ciência, do pensamento
intelectual e da tecnologia,
o ato de nomear e dar
sentido mudou de agente.
Diz-nos Bosi:

"Turbou-se a vontade mitológica que, desde
origens, de manter, de conservar, a natureza
e os homens, poder do símbolo e de unir as
almas e os objetos formam assembléias e paradas, no
agir cotidiano, pelas mesquinharias da rotina, da
produção, e a sua veloz fixação móvel que
autenticamente pela posição que ocupam na
hierarquia de classe ou de status." (1977, p. 193)

Com a intenção de
devolver ao poeta o
seu merecido valor,
no capítulo intitulado
"Poesia resistência", Bosi
escreve um verdadeiro
manifesto em favor da
poesia como frente de
luta e resistência. Para
ele, a poesia é capaz de
questionar a realidade
contemporânea – desigual
e injusta por essência
– sem se apoiar em
ideologias e que portanto
é capaz de ir além neste
embate, tornando-se uma
possibilidade histórica.
(1977, p. 152)

"A poesia resiste à falta de ordem, que é o signo
do barbaque e do caos, "esta coleção de objetos se não
arrua" (Drummond). (...) Resistir é permanecer e é

maneira viva do passado e resistir imaginando uma
nova ordem que se recusa no horizonte do abito.

Quer reformar essas sagradas que, o sistema
prefere já mais, o res, o novo, a eficiência, Érepi,
que desafiando a ordem do presente em nome de
uma direção futura, o ser da poesia constrói o
ser dos discursos correntes." (1977, p. 143).

A poesia de Galvão
resiste. Resiste porque,
quando retoma seu
passado na Borda da
Mata, preserva costumes,
modos de falar, tradições,
mas não deixa passar
impune a mesquinharia de
sua gente, o progresso às
avessas, a vida que passa
e não muda na cidade
que "não define nem
prospera", iguais a tantas
outras ali.

Resiste quando fala
dos objetos, capazes
de acumular histórias
e nos dar conforto,
mas resiste sobretudo
quando evidencia o
tempo inutilmente gasto
para que possamos
possuí-los, presos
eternamente no "círculo
da repetição". Peça
facilmente substituível
na grande engrenagem, o
homem-objeto logo vira
emulho na cacamba da
metrópole.

Resiste ao escancarar
essa metrópole,
mosaico de rios podres,
arquitecturas efêmeras e
gente apressada. Cidade
de passagem, nunca
permanência, que não





